

O *Atlas Mnemosyne* na formação docente em Artes Visuais: memória, imagem e experiência pedagógicaDOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2026.24.2.12215>Viviane Baschiroto¹

Resumo: O artigo apresenta um projeto de ensino desenvolvido na graduação em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, inspirado no pensamento de Aby Warburg e em seu *Atlas Mnemosyne*. A proposta pedagógica convidou os estudantes a construir atlas visuais a partir de imagens relacionadas às suas memórias, experiências pessoais e referências culturais, articulando fotografia, obras da história da arte, imagens do cotidiano e produções autorais. Fundamentado também nas reflexões de Georges Didi-Huberman e Etienne Samain, o texto discute a imagem como espaço de memória, sobrevivência e pensamento. A análise dos trabalhos produzidos pelos estudantes evidencia a potência dos atlas como exercício poético, autobiográfico e formativo, capaz de promover relações entre arte, memória, subjetividade e ensino das artes visuais.

Palavras-chave: Aby Warburg, *Atlas Mnemosyne*, imagem, ensino de artes visuais, formação docente.

The *Atlas Mnemosyne* in Visual Arts Teacher Education: Memory, Image, and Pedagogical Experience

Abstract: This article presents a teaching project developed in the undergraduate Licenciatura em Artes Visuais at Universidade do Estado de Santa Catarina, inspired by the thought of Aby Warburg and his *Atlas Mnemosyne*. The pedagogical proposal invited students to create visual atlases based on images related to their memories, personal experiences, and cultural references, articulating photography, artworks from art history, everyday images, and authorial productions. Also grounded in the reflections of Georges Didi-Huberman and Etienne Samain, the text discusses the image as a space of memory, survival, and thought. The analysis of the works produced by the students highlights the potential of atlases as poetic, autobiographical, and formative exercise, capable of fostering relationships between art, memory, subjectivity, and visual arts education.

Keywords: Aby Warburg; *Atlas Mnemosyne*; image; visual arts education; teacher education.

Introdução

Abraham Moritz Warburg mais conhecido como Aby Warburg (Hamburgo, 13 de junho de 1866 - 26 de outubro de 1929) foi um historiador da arte alemão, célebre por seus estudos sobre o ressurgimento do paganismo no renascimento italiano. Herdeiro de uma família de banqueiros, teve o privilégio de abdicar de sua posição de liderança na

¹ Doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC/CEART. Mestre em Artes Visuais (UDESC). Pós-graduada em História da Arte (UNIVILLE). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (UNIVILLE). Foi professora da rede básica de ensino, atualmente é professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais na UDESC na área de Ensino das Artes Visuais e integra a equipe do Passeio Cultural Primavera, coordenando o Núcleo do Educativo. É associada da ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1822-3192>

família para se dedicar aos seus interesses sobre a arte e as imagens. Warburg dedicou sua vida à pesquisa das imagens e seus fenômenos e criou mais tarde o Instituto Warburg, um lugar de acolhimento a pesquisadores.

Em 1905 fundou a Biblioteca Warburg para a Ciência Cultural (Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg - KBW), que se originou de sua coleção particular. Os interesses do pesquisador eram variados, iam desde a história da arte até a mitologia, simbolismo, magia, astrologia etc. Warburg reunia livros e imagens, era um colecionador. A biblioteca foi crescendo em tamanho e importância, ganhou sede própria, milhares de outros livros e imagens ao longo dos anos. Warburg teve ajuda de assistentes e bibliotecários para isso, e os pesquisadores Fritz Saxl e Gertrud Bing tocaram seu projeto em frente.

Em 1927, Warburg iniciou o seu projeto, nunca concluído, do Bilderatlas Mnemosyne (figura 1), concebido ao longo dos últimos dois anos de sua vida. Seu projeto consistia em uma série de painéis de cor preta onde fixava imagens diversas como fotografias, anúncios e recortes de jornais e ia criando uma seleção de imagens. O arranjo dos painéis ia se modificando constantemente e, durante o período, seu Atlas foi fotografado por 3 vezes, tendo então sua última versão datada de 1929, fotografado após a sua morte, contendo 63 painéis e 971 itens (The Warburg Institute).

No Atlas Mnemosyne, há uma montagem de imagens não apenas como um resumo em imagens, mas como um pensamento através delas. Warburg acreditava na sobrevivência das imagens, e reunia em seus painéis, imagens diversas que se ligavam com a sua principal tese da sobrevivência da antiguidade pagã no período do Renascimento italiano. “Mnemosyne, com a sua base material visual que o atlas anexado apresenta reproduzida, deseja sobretudo ser um inventário das pré-cunhagens de inspiração antiga que concorrem, no período renascentista, para a formação do estilo de representação da vida em movimento.” (Warburg, p. 126, 2009). As imagens sobrevivem e se ligam entre si, não importa os séculos que tenham se passado entre elas.

O historiador da arte Georges Didi-Huberman (França, 1953), que se dedicou ao pensamento de Warburg, afirmou em seu livro *A sobrevivência da imagem*:

“Função memorativa das imagens”? Essa é justamente a questão a que, desde o começo, correspondeu o conceito warburguiano de sobrevivência. É a maneira pela qual as imagens sobrevivem e retornam, num mesmo movimento, que constitui o movimento – o tempo dialético – do sintoma. (Didi-Huberman, 2013, p. 390).

A imagem que sobrevive então poderia ser pensada como um fantasma, uma aparição que sempre retorna pelas imagens.



Figura 1. Bilderatlas Mnemosyne. Painel 7. Versão de outubro de 1929. Fonte: <https://warburg.sas.ac.uk/archive/bilderatlas-mnemosyne/final-version>

Desenvolvimento

Baseado no pensamento de Warburg e seu Atlas Mnemosyne, um projeto de trabalho foi construído dentro da disciplina de Ensino das Artes Visuais e a Imagem para a segunda fase da graduação de Licenciatura em Artes Visuais da UDESC no primeiro semestre de 2025. A primeira atividade avaliativa da disciplina foi a construção de um Atlas e um pequeno ensaio sobre ele por parte dos 27 alunos. O objetivo da proposta era que cada aluno, exercitando a sensibilidade para as imagens e inspirado pelo trabalho de Warburg,

criasse seu conjunto de imagens, um ensaio poético, que pensasse sobre questões pessoais e culturais.

A proposta do projeto era que a cada semana de aula que se seguisse da disciplina, os alunos fossem captando imagens que se ligassem entre si, concomitante aos estudos e aulas sobre as teorias, sobre as imagens e outros conteúdos da disciplina como leitura de imagens, conceitos de ensino de imagem como abordagem triangular e cultura visual. Para isso, foram pensadas em 10 ativações para as 10 primeiras semanas de aula: escolher uma imagem da história da arte; imagem do cotidiano; um ícone; produzir artisticamente uma imagem que te represente; uma imagem antiga, um texto/uma frase/um livro; a obra de uma exposição de arte visitada; uma imagem de algo constante; imagem de rede social; uma imagem de um filme.

O projeto iniciou com os alunos escolhendo uma imagem da história da arte que serviria de base para pensar em todas as outras imagens. As escolhas eram livres e imagens de todos os tempos da história apareceram nos projetos. Essa primeira imagem foi apresentada em sala para todos os colegas. As outras ativações eram sempre lembradas em todas as aulas, mas cada aluno teve seu tempo para realizá-la concomitante às outras atividades da disciplina. Outra etapa no meio do processo que foi apresentada em sala foi o item “produzir artisticamente uma imagem que te represente”, a fim de retomar no meio do processo a construção do Atlas, para que não ficasse esquecido ao longo das semanas de aula.

Ao final das 10 semanas, os alunos entregaram um ensaio de 2 páginas sobre o seu Atlas e suas 10 imagens. A maioria apresentou suas imagens em sequência, não necessariamente na sequência proposta das ativações, mas que não se apresentavam como o Atlas de Warburg. Mas alguns alunos se destacaram e apresentaram ligações imagéticas para os dez exercícios propostos, construindo relações para além da temática, mas também pelas imagens como Warburg fazia.

Etienne Samain (Bélgica, 1938) em seu texto *As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens?* afirma que toda imagem é uma forma que pensa e que “toda imagem é uma *memória de memórias*, um grande jardim de arquivos declaradamente vivos.” (Samain, 2012, p. 23, grifo do autor). Afirma que essa vertente que nos leva a pensar sobre a sobrevivência das imagens, nos leva até os territórios da memória.

Essa sobrevivência das imagens nas dez ativações do projeto nos levou até esse território da memória com muita frequência. Os alunos foram associando seu passado, presente e futuro, articulando desejos e rememorações profundas sobre si e os outros, nessa construção até mesmo autobiográfica das imagens que sobrevivem.

Didi-Huberman (2013, p. 389) afirma que no Atlas “o pensamento é uma questão de plasticidade, de mobilidade, de metamorfose”, sendo assim, também podemos pensar nesse caráter plástico e movente das imagens para pensar em um ensaio poético e artístico que não se encerra no objeto, mas flui por entre o mundo das imagens.

Assim, Mnemosyne traz todos os traços da linguagem privada e da busca autobiográfica. É uma espécie de autorretrato estilhaçado em mil pedaços, com esses alguns milhares de imagens afixados nas 63 telas negras em que o pensamento de Warburg – a história mesma desse pensamento – se reconhece nas circulações, nos relacionamentos das imagens entre si. (Didi-Huberman, 2013, p. 390)

Se o próprio pensamento de Warburg no *Atlas* é uma busca autobiográfica que se encontra nas relações, na circulação de imagens, assim também pode ser pensado os trabalhos produzidos pelos alunos na disciplina, que ora tangenciam para um tema mais autobiográfico, ora para imagens que os perseguem como fantasmas.

“Deus está no detalhe”, como na máxima lembrada por Aby Warburg. Retomando o pensamento de Didi-Huberman, em seu livro *A imagem sobrevivente*, o autor relembra a frase anotada por Warburg, em outubro de 1925, para um seminário em Hamburgo:

O bom Deus reside no detalhe [...]. Gombrich, que encontrou a frase escrita em francês em alguns manuscritos, atribuiu-a a Gustave Flaubert. Sua referência direta seria, antes, de acordo com Dieter Wuttke, um dito filosófico de Usener, segundo o qual ‘é nos menores pontos que residem as maiores forças. (Didi-Huberman, 2013, p. 410).

São esses detalhes que aparecem nas imagens dos Atlas construídos pelos alunos. Detalhes de sobrevivências, fantasmas, que anunciam sobre si e sobre a sua história. Como no trabalho produzido pela aluna Letícia Ferreira Mariano (figura 2) onde seu Atlas aborda interseções do tempo da memória. O trabalho foi apresentado como um mapa de metrô, onde cada imagem faz parte de uma estação e aporta em um local da memória, traz sobre questões já vistas e vividas, como a aluna destaca em seu ensaio escrito:

Mas por que o mapa? A ideia de que cada linha de trem tem seu caminho próprio, mas por vezes se cruza com outra, e mais outra, formando estações ou como chamei em meu Atlas, Intersecções, me pareceu interessante para o trabalho, uma vez que cada imagem transmite algo por si só, mas que o conteúdo transmitido pode se encontrar com o conteúdo de outra imagem. E essas intersecções, quando

associadas, finalmente originaram o tema final: Intersecções do tempo e da memória. (Mariano, 2025)

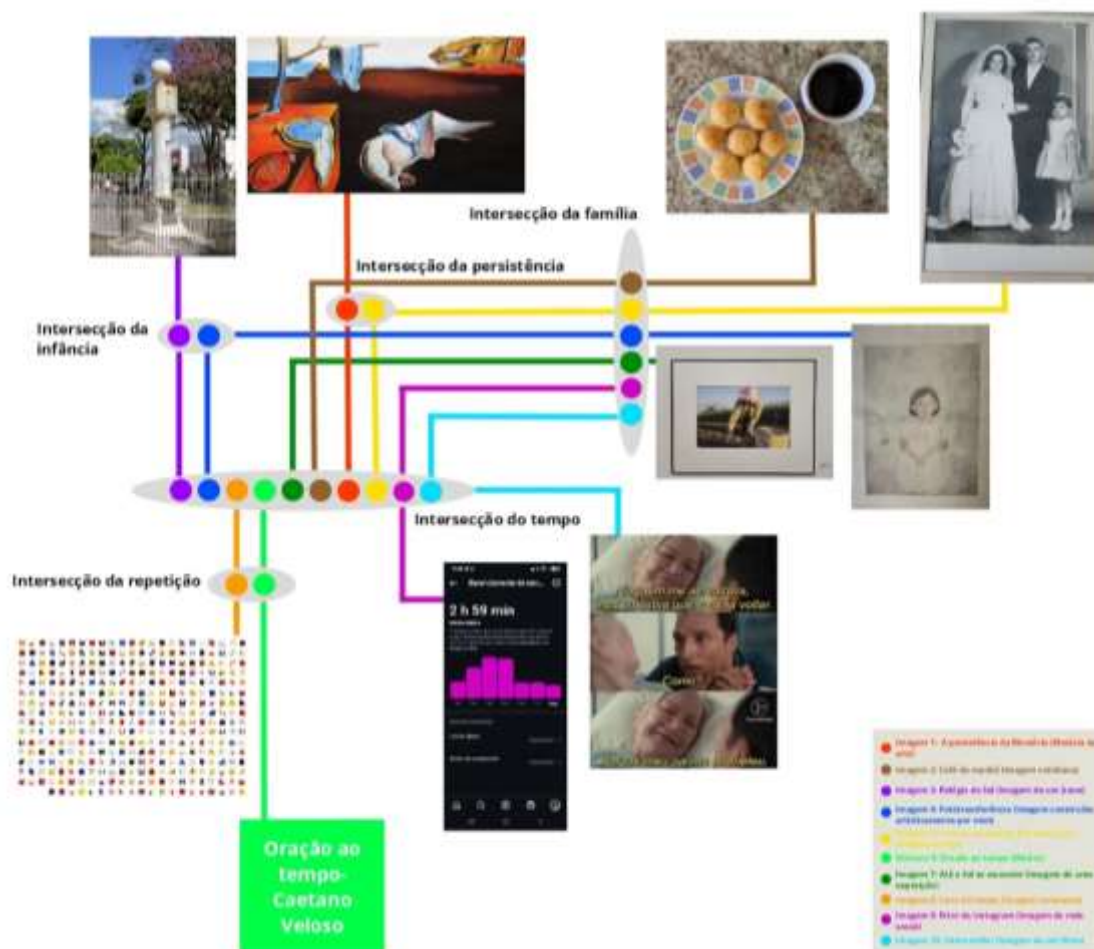


Figura 2. Letícia Ferreira Mariano. Atlas. 2025. Fonte: elaborado pela aluna.

A aluna apresentou várias interseções, da família, da persistência, da infância, do tempo e da repetição, onde aparecem imagens de memórias de sua família, do seu cotidiano, a obra de Salvador Dalí, *Persistência da memória* entre outras. A relação com sua origem do interior de São Paulo aparece na imagem onde está se plantando, na imagem da sua infância, na foto de casamento de seus avós, na relação com o relógio de sol da sua cidade natal, Franca, que foi adicionado ao Atlas como um ícone.

Nessa mesma esteira da memória, mas desta vez se ligando mais ao tema da ancestralidade, a aluna Bárbara Deeke construiu o seu Atlas (figura 3) como uma colagem de imagens. Em seu Atlas, ela explora a relação com os avós e bisavós, em um trabalho

que se mostra muito afetivo e pessoal. A aluna relata em seu ensaio escrito que no início não sabia de onde partiria com seu trabalho, ficando um pouco confusa e indecisa:

Nada parecia próximo de mim, nenhuma das obras de arte que me atravessavam pareciam dar sentido para uma narrativa mais aprofundada. Até que, em um fim de semana, estava na casa de minha avó e me peguei contando a história da pintura que suspende-se na parede desde minha primeira infância, então me lembrei do primeiro exercício, de escolher uma imagem da história da arte e decidi utilizá-la, com isso veio meu tema: Ancestralidade. (Deeke, 2025)



Figura 3. Bárbara Deeke. Atlas. 2025. Fonte: elaborado pela aluna.

A aluna se refere ao quadro no canto superior esquerdo, que dá origem ao seu Atlas. Uma pintura de um preto velho que sempre a intrigou, e esteve presente em sua vida. O quadro havia sido ganho pelo avô e, por muito tempo, Bárbara acreditava que aquele era seu

obra “New Look” (1933), reverbera em mim a ideia de estranhamento, de pensar minha masculinidade em esferas não tradicionais, de elaborar-se e gerar sentido próprio sobre si.” (Cruz, 2025).

Ao pensar em um formato cartográfico, o aluno cria esse território que não existe, onde tem um pedaço maior, que poderia ser continental e uma ilha menor que se aproxima. Desta forma também aproxima e afasta as imagens, que se relacionam nesse território de construção de si.

Por último destaco o trabalho de Atlas (figura 5) da aluna Yasmin Muzzi Magalhães. A aluna focou seu trabalho na representação do feminino através da deusa Vênus. Justifica sua escolha da obra ao centro do seu Atlas:

[...] escolhi O Nascimento de Vênus de Sandro Botticelli como representação do “ícone”, uma vez que essa é a principal obra atrelada ao simbolismo da deusa Vênus e conta a história de como ela teria surgido – das espumas do mar, após Cronos ter mutilado e jogado os órgãos internos de seu pai (Urano) no mar. (Magalhães, 2025).

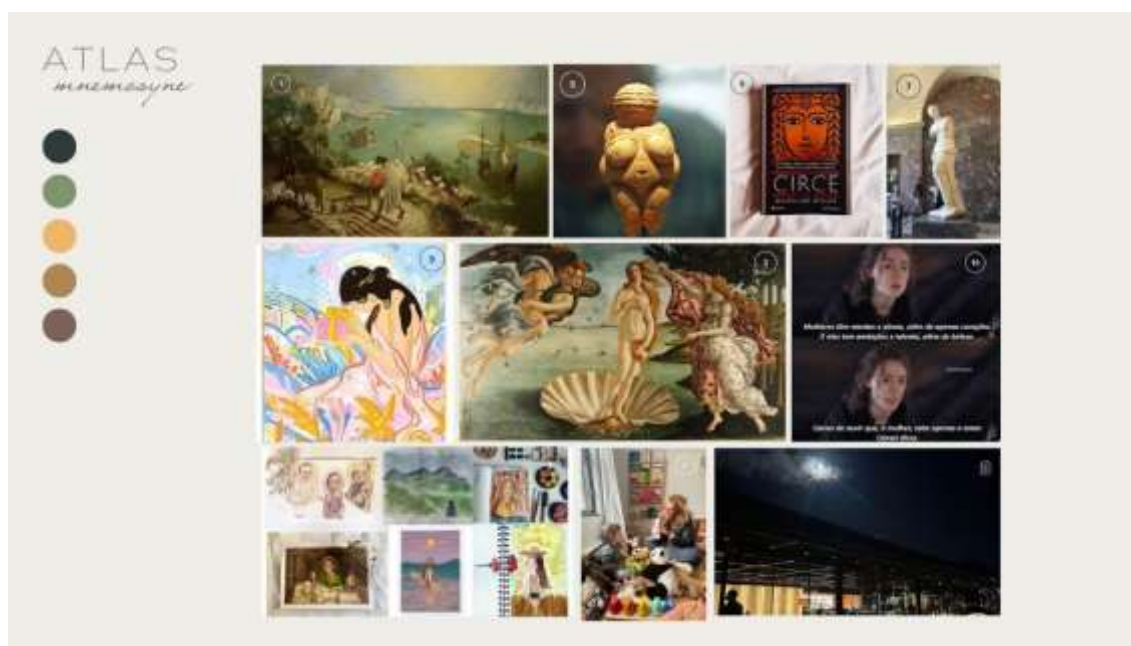


Figura 5. Yasmin Muzzi Magalhães. Atlas. 2025. Fonte: elaborado pela aluna.

Para pensar sua representação feminina, ainda traz uma imagem afetiva de sua mãe brincando com sua sobrinha, duas apresentações do feminino em sua vida. Traz uma imagem da lua, para pensar nas fases do ciclo feminino e criações suas que a representam. Um frame do filme *Adoráveis Mulheres* de 2019 também se faz presente, refletindo sobre o que é ser mulher. Outras obras de arte como a *Vênus de Willendorf* e a *Vênus de Milo*

completam a representação da deusa, pensando sua recorrência e persistência dentro da História da Arte. A aluna completa: “Deixo, assim, uma reflexão a respeito dos atributos que podem existir no feminino e quantas formas existem e existiram de representar essa deusa Vênus que simboliza um lado da mulher tão importante, dentre tantos outros.” (Magalhães, 2025).

Didi-Huberman afirma que as imagens também sofrem de reminiscências: “mal esboçado – e por menos que seja intensificado ou deslocado, e portanto, inquietante –, o gesto *faz subir uma memória inconsciente* ‘das profundezas do tempo’” (Didi-Huberman, p. 2013, p. 277, grifo do autor). Então as imagens possuiriam uma memória também, mesmo que vaga, seria essa sobrevida que Vênus ganha dentro da História da Arte, seria as imagens de memórias de antepassados, as histórias de vidas que se apresentam em imagens e se conectam entre si, por vezes pela temática, por vezes pela composição, construindo reminiscências dessas histórias apresentadas. “Dizer que o presente traz a marca de múltiplos passados é falar, antes de mais nada, da indestrutibilidade de uma marca do tempo – ou dos tempos – nas próprias formas de nossa vida atual.” (Didi-Huberman, 2013, p. 47).

Considerações finais

A imagem pensa, como afirma Etienne Samain: “[...] a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (Samain, 2012, p. 31). Esse processo vivo das imagens vemos nos Atlas apresentados pelos alunos, onde colocam sobre si e sobre suas histórias, sobre suas percepções de mundo e de vida, relacionando com a história da arte e suas obras. A imagem sendo pensante, vai construindo seu próprio caminho, assim como cada aluno da disciplina, construindo seu próprio Atlas, a partir das ativações das disciplinas, que foram as mesmas para todos, mas geraram trabalhos diferentes um dos outros, cada um carregando sua marca.

Samain (2012, p. 34) ainda nos lembra que o tempo das imagens é como o tempo dos rios e das nuvens “rola, corre, murmura, quando não se cala”. As imagens não nos mostrariam algo único ou definitivo, mas estariam sempre em movimento, não sendo uma memória acabada, tendo nosso cérebro como uma “tela da imagem”. É com esse cérebro - suas lembranças, suas memórias e os esquecimentos nele contidos - que toda imagem se choca,

arrebatando uma espiral de novas e outras operações sensoriais, cognitivas e afetivas.” (Samain, 2012, p. 34). Assim são as imagens apresentadas nos Atlas, essas lembranças que não terminam, que não se encerram em si mesmas, que juntas formam uma nova imagem, criando algo novo, um pensamento pelas imagens.

A imagem se situa em um tempo que não está acabado, que não cessa de se reconfigurar, se confunde, se dissolve, conecta com o passado, com o presente e será feita de conexões futuras, de uma maneira transfigurada. As imagens dos Atlas, dão a ver essas relações intrincadas, anacrônicas e que perpassam a história da arte, mas, sobretudo, as histórias pessoais de cada aluno. Em um esforço memorativo das imagens, se configurando em pensamentos por imagens, ensaiando suas vidas e histórias por meio dessas aparições e suas relações.

Referências Bibliográficas

- CRUZ, Esmayler. Atlas. Trabalho apresentado para a disciplina de Ensino das Artes Visuais e a Imagem. 2025.
- DEEKE, Bárbara. Atlas. Trabalho apresentado para a disciplina de Ensino das Artes Visuais e a Imagem. 2025.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- MAGALHÃES, Muzzi Yasmin. Ensaio do Atlas Mnemosyne. Trabalho apresentado para a disciplina de Ensino das Artes Visuais e a Imagem. 2025.
- MARIANO, Letícia Ferreira. Ensaio: Intersecções do tempo e da memória. Trabalho apresentado para a disciplina de Ensino das Artes Visuais e a Imagem. 2025.
- SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens? In: SAMAIN, Etienne (org.) Como pensam as imagens. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.
- THE WARBURG INSTITUTE. Bilderatlas Mnemosyne. Disponível em: <<https://warburg.sas.ac.uk/archive/bilderatlas-mnemosyne>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.
- WARBURG, Aby. Mnemosyne. In: BARTHOLOMEU, Cesar. Dossiê Warburg. Revista Arte & Ensaios. V. 19. N. 19. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/50819>> Acesso em: 23 de junho de 2025.

Submissão: 27/05/2026. **Aprovação:** 24/08/2026. **Publicação:** 31/08/2026.